
#BrequeDosApps: o brado dos entregadores e entregadoras por aplicativos

#BrequeDosApps: the shout of app delivery workers

Sara Sulamita de Oliveira



Edição electrónica

URL: <https://journals.openedition.org/pontourbe/12262>

DOI: 10.4000/pontourbe.12262

ISSN: 1981-3341

Editora

Núcleo de Antropologia Urbana da Universidade de São Paulo

Reférenceletrónica

Sara Sulamita de Oliveira, «#BrequeDosApps: o brado dos entregadores e entregadoras por aplicativos», *Ponto Urbe* [Online], 30 v.1 | 2022, posto online no dia 28 julho 2022, consultado o 18 outubro 2023. URL: <http://journals.openedition.org/pontourbe/12262>; DOI: <https://doi.org/10.4000/pontourbe.12262>

Este documento foi criado de forma automática no dia 18 de outubro de 2023.



Apenas o texto pode ser utilizado sob licença CC BY 4.0. Outros elementos (ilustrações, anexos importados) são "Todos os direitos reservados", à exceção de indicação em contrário.

#BrequeDosApps: o brado dos entregadores e entregadoras por aplicativos

#BrequeDosApps: the shout of app delivery workers

Sara Sulamita de Oliveira

NOTA DO EDITOR

Versão original recebida em / Original Version 30/09/2021

Aceitação / Accepted 11/12/2022

- 1 Há pouco mais de um ano da histórica paralisação nacional dos entregadores por aplicativos¹, e em plena pandemia da COVID-19, apresento por meio desse ensaio alguns registros e relatos do campo que fiz em 1º de julho de 2020, em São Paulo, capital.
- 2 Em breve contextualização, o ato político organizado pelos entregadores ocorreu devido a condições de trabalho a que estavam - e estão - sujeitos na nova categoria trabalhista de entregas via aplicativos, como *UberEats*, *Ifood*, *Rappi* e *Loggi*. Entretanto, vale ressaltar que apesar de ser uma categoria emergente no cenário nacional, não há regulamentação perante a legislação brasileira, o que torna precarizado o cenário dessas trabalhadoras e trabalhadores, e beira a desumanização, ainda mais na conjuntura pandêmica.
- 3 O movimento político dos entregadores e entregadoras – “Breque dos apps”, que nasceu dos perfis na rede social *Instagram*, denominados “Treta no trampo” e “Entregadores antifascistas”, foi organizado com caráter de denúncia pelas condições de trabalho a que são submetidos. Em divulgação pelas redes, o movimento alcançou uma parcela de apoiadores da sociedade, ou seja, aqueles e aquelas que se dispuseram a somar na luta por meio do boicote aos aplicativos de comida e serviços. Os protestos, que tomaram diversas capitais do Brasil, pautaram como luta as reivindicações de: maior

remuneração por serviço, seguro em caso de roubo, acidente e morte, auxílio-saúde dentro e fora da pandemia (com liberação de equipamentos de proteção individual – EPIs) e ainda o fim das retaliações e dos bloqueios indevidos (Peres, p.3, 2020). A sociedade civil foi conclamada, por meio das redes sociais, a apoiar a luta dos trabalhadores e trabalhadoras avaliando os aplicativos de forma negativa, não realizando pedidos nas plataformas e *subindo* nas redes a *hashtag* “#brequedosapps”.

- 4 De modo a esclarecer a trajetória que acompanha essa categoria e contextualizar as demandas levantadas por meio dessa luta, a autora acompanhou a ação do 1º de julho de 2020, e dispôs de um trabalho de revisão bibliográfica específica e posterior construção etnográfica.
- 5 Minha inquieta curiosidade - e a vivência em espaços políticos -, acarretou a tomada de consciência política, o que conseqüentemente, levou-me ao interesse na questão bradada pelos entregadores e entregadoras. Assim, fui a campo tendo em mente o marcador social de gênero, estava à procura de mulheres - cis e/ou trans - que eram entregadoras. Contudo, tendo consciência da dinâmica metodológica da produção etnográfica, era sabido que o impacto da imersão em campo deixava sujeitas a mudanças no olhar e, portanto, passível de transitar o enfoque que se procurava tratar. E, na verdade, isso é o que principalmente me move na pesquisa antropológica: como a troca em campo nos atravessa.
- 6 Foi em frente ao MASP (Museu de Arte de São Paulo) que avistei somente três bicicletas e duas *bags* (são as mochilas que transportam nas costas durante as entregas e que comportam as comidas e serviços) no chão; logo me dei conta que estávamos em pandemia há quatro meses, e isso provavelmente afetaria a concentração de pessoas ali. Não deu tempo nem de conversar com os que notei em primeiro, pois em questão de um minuto ouvi o som feroz que rasgava a Avenida Paulista. Todas as pessoas que me questionava se iriam ou não, surgiram em cima das motos e bicicletas, ao som dos “pneus derrapando”, buzinas e com brado contagiante, aproximando-se em sincronia em direção ao MASP. Atônita, só peguei a câmera e atravessei a rua em direção ao cortejo de motos que surgia. Tirei alguns registros daquela cena que me emocionou, e assim, de supetão, comecei a ser afetada pelo campo.
- 7 Os entregadores foram acompanhados de um carro de som fornecido pelo SINDIMOTOSP (Sindicato dos Motoqueiros de São Paulo), e traziam bandeiras estampadas da UGT (União Geral dos Trabalhadores). Além das bandeiras, pude ver as chamadas impressas em papel e coladas nas *bags*: informações do ato e com as palavras de ordem “Breque dos apps”, “paralisação nacional dos entregadores de aplicativos” e “Ifood, Uber Eats e Rappi: respeita quem te dá lucro!!!”. Foi então que assimilei que aqueles papéis nas *bags* eram equivalentes aos lambe-lambes que tomam as ruas nos atos políticos, ou mesmo os cartazes que muitos levam como forma de denúncia. Com os punhos cerrados, levantando *bags*, empinando motos e bicicletas, aos brados e unidos em um só coro: foi assim que começou o 1º. de julho na Avenida Paulista.
- 8 Os registros foram feitos em momentos que era acometida por múltiplos sentimentos, e reafirmo: o campo nos atravessa. E não podia ser diferente naquele momento tão potente de luta.
- 9 A ferramenta da fotografia auxilia na construção da narrativa etnográfica, pois não estabelece uma exposição realista-estática daquele espaço-tempo, mas de uma produção de recorte visual que perpassa o intelecto e as experiências do sujeito,

materializando um olhar que há anos capta mundos. Os estudos da antropologia visual demonstram como os registros fotográficos constroem uma dialética com o relato do campo, sugerindo interpretações de gestos, olhares, trejeitos que poderiam passar despercebidos na descrição escrita.

- 10 Conceituam o olhar fotográfico com densa função simbólica, não sendo produzida meramente pelo fisiológico (olho) e por instrumento (câmera), “porque na realidade vemos com o intelecto, (...) algo que sai de nós e vai para o exterior. (Argan apud Novaes, 2020, p. 19). Portanto, pode-se dizer que a fotografia proporciona à etnografia uma polissemia, trazendo junto dela múltiplos significantes, os quais não se perdem ou confundem o receptor, mas sim costumam-se junto da narrativa.
- 11 As fotos são recortes de cenas que vi naquele dia e que gostaria de dividir; foram feitas com uma Olympus Trip 35 e o filme Kodak Portra 400. Por tratar-se de uma câmera analógica, os registros fotográficos tornam-se mais selecionados do que a câmera digital, uma vez que não há controle sobre as cores ou se a foto sairá tremida ou simplesmente queimada; portanto, o risco acaba tornando-se parte do entusiasmo.
- 12 A seguir, socializo algumas fotos que acompanham descrições aprimoradas do meu caderno de campo.
- 13 Procurei costurar as descrições com os registros, de modo a proporcionar uma construção de narrativa ao receptor. A cena (figura 2) que inicia as movimentações da multidão foi fascinante em movimento, paralisei em sincronia com o registro estático que fiz, mas eles corriam e bradavam pela avenida. Nunca vira ato político parecido, os entregadores e entregadoras bloquearam as duas vias de um trecho da Avenida Paulista. Havia mais motocicletas que bicicletas no campo de visão. O número era expressivo, pois vale ressaltar que a pandemia estava tomando proporções no estado de São Paulo e nacionalmente.
- 14 Essa imagem (figura 5) explicita como as *bags* tornaram-se um signo do fenômeno da “uberização” do trabalho, o qual Fontes (2019) explica como
“Iniciativas que não acabam com o trabalho, mas aceleram a transformação da relação empregatícia (com direitos) em trabalho isolado e diretamente subordinado ao capital, sem mediação contratual e desprovido de direitos. Antes como depois, o interesse central do capital prossegue sendo a extração e a captura do mais-valor. Em boa parte, tais plataformas tecnológicas resultam de atividades de trabalho (não empregatícias) realizadas gratuitamente, ou quase, para o grande e altamente concentrado capital: pesquisa, prospecção e desenvolvimento de estratégias ou de “nichos de mercado”. O termo é enganoso: nicho de mercado quer dizer descobrir uma forma de extrair mais-valor, através da utilização do trabalho humano. A ponta tecnológica do chamado empreendedorismo (realizado por trabalhadores de diversas formações, mas sem emprego) dedica-se a pesquisar possibilidades de expropriação secundária (...)”. (Fontes, 2017, p.55).
- 15 Nos tempos atuais, há um certo simbolismo político por trás, ao carregar não somente comida ou compras, mas o significativo de uma precarização trabalhista, como relatado pela autora (2017). E na foto tomam forma de denúncia, é como se fossem uma bandeira, ou seja, uma identidade, expressando a indignação de estarem sendo cobaias de um sistema que não os valoriza.
- 16 Destaque-se que a pandemia interferiu nas condições de trabalho e faz-se necessário uma dinâmica de biossegurança, com protocolos mais exigentes; entretanto, apesar dos pedidos por aplicativos aumentarem nas plataformas, não houve aumento nas taxas

pagas aos entregadores, e estes continuaram na linha de frente arriscando-se por diversas formas, e alarmantemente pela exposição ao coronavírus.

- 17 E aqui poderia estender-se nos contextos sistêmicos de desigualdade e opressão a que essa classe pertence e que a torna suscetível ao ser alvo da necropolítica.
- 18 Dando sequência aos fatos ocorridos, o carro de som parou em frente ao MASP (Museu de Arte de São Paulo) e os entregadores acabaram concentrando-se nas duas vias da avenida, davam partidas nas motos, faziam sua orquestra com os pneus que não saiam do lugar. Havia um sujeito que particularmente atraía os olhares, pois ele “andava sobre os bancos das motos” segurando uma faixa que estampava um punho cerrado com a frase “Já basta!” (figura 6). Fiquei um tempo observando a forte presença que ele representava ali, muitos olhavam-no e logo entusiasmaram-se em fazer mais barulho.
- 19 A maioria presente era do gênero masculino, mas havia mulheres, e conversei brevemente com três delas. Duas delas (figura 7) no decorrer da conversa - e após a foto, disseram não ser entregadoras, mas namoradas de entregadores, e que devido ao extenso tempo que eles passavam realizando as entregas, tendo em vista bater as metas dos aplicativos, elas começaram acompanhar na garupa os companheiros, pois nas palavras de uma delas “aproveitamos o tempo entre uma entrega e outra juntos, é o que dá”.
- 20 No entanto, o que me intrigou foi a ausência de presença maciça de mulheres, pois elas estão na categoria, mas o que faz elas não estarem ali presentes? Essa é uma questão que ficará para o futuro, pois demandaria outros campos e aprofundamento no recorte de gênero.
- 21 Finalizo este ensaio enfatizando como a metodologia e teoria que constroem a etnografia ampliam nossa visão para outros horizontes, e proporcionam diálogos entre mundos, como diria respectivamente Magnani (2009) e Bittencourt (1992),
“a etnografia é uma forma especial de operar em que o pesquisador entra em contato com o universo dos pesquisados e compartilha seu horizonte, não para permanecer lá ou mesmo para atestar a lógica de sua visão de mundo, mas para, seguindo-os até onde seja possível, numa verdadeira relação de troca, comparar suas próprias teorias com as deles e assim tentar sair com um modelo novo de entendimento ou, ao menos, com uma pista nova, não prevista anteriormente”. (MAGNANI, 2009, p.135).
,
“Olhar e produzir imagens implica operações mentais complexas, ligadas à nossa vida psíquica e cultural. Percebemos, sobretudo aquilo que conhecemos do mundo, exatamente aquilo que a linguagem procura estruturar e ordenar”. (Bittencourt, 1994, p.235)
- 22 A pesquisa etnográfica, portanto, não se trata de coleta de dados, mas de um processo de construção dos dados, que são gerados através do entrosamento entre o pesquisador e o pesquisado. O campo nos fornece a possibilidade de relacionar-se com a concretude que será pesquisada; todavia, faz-se necessário ter em mente a dinâmica da produção etnográfica, ou seja, do processo científico que é realizado nesse contato (caderno de campo) e posterior formulação lapidada (etnografia).



Figura 1: "Iminência". Autora, 2020.

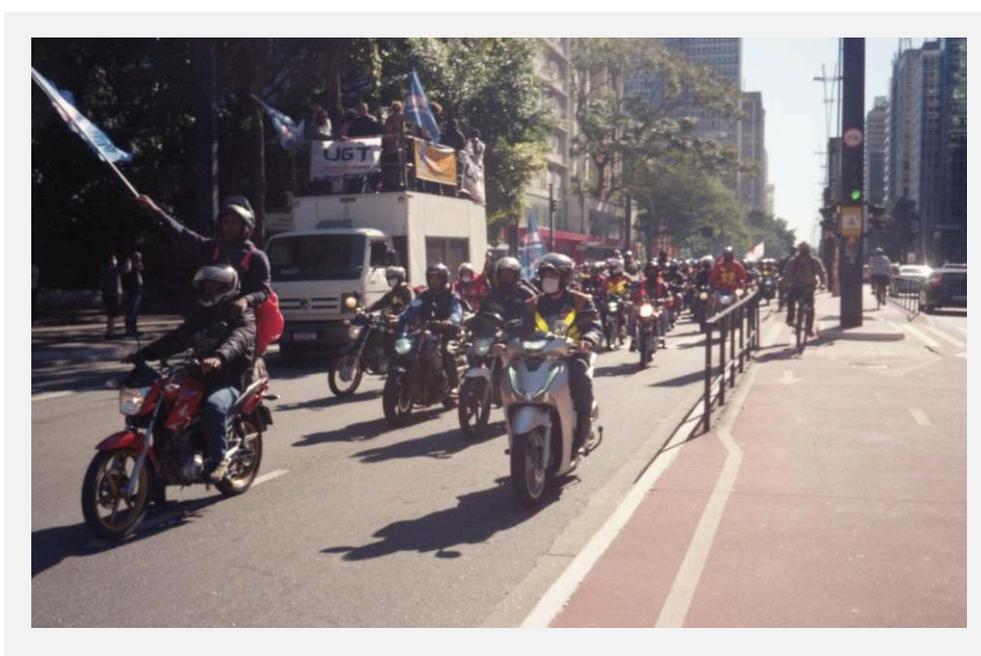


Figura 2: "Levante popular". SARA SULAMITA, 2020.



Figura 3: "classe trabalhadora". SARA SULAMITA, 2020.



Figura 4: "poder popular". SARA SULAMITA, 2020.



Figura 5: "bags como signo". SARA SULAMITA 2020.



Figura 6: "já basta!". SARA SULAMITA, 2020.



Figura 7: "companheiras". SARA SULAMITA, 2020.



Figura 8: "A luta também é das mulheres". SARA SULAMITA, 2020.



Figura 9: "Slogan de luta". SARA SULAMITA, 2020.



Figura 10: "sinalizando denúncias". SARA SULAMITA, 2020.



Figura 11: "univo-os". SARA SULAMITA, 2020.

BIBLIOGRAFIA

- BITTENCOURT, L. A. Fotografia enquanto instrumento etnográfico. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1994. p.225-241. (Anuário Antropológico, 92)
- FONTES, V. Capitalismo em tempos de uberização: do emprego ao trabalho. Marx e o Marxismo, – Rio de Janeiro, v.5, n.8, p. 45-67, 2017.
- MAGNANI, J. G. C. Etnografia como prática e experiência. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, v. 32, p. 129-156, 2009.
- CAIUBY NOVAES, S . Antropologia e Imagem. Teoria e Cultura , v. 15, p. 13-27, 2020.
- PERES, A.C. Olha o breque!. Radis, Rio de Janeiro, n. 215, ago/2020. Disponível em: <<https://radis.ensp.fiocruz.br/index.php/todas-as-edicoes/215>>. Acesso em: 31.jul.2021.

NOTAS

1. Entregadores de aplicativos fazem manifestações pelo país. Jornal g1, 01 de jul. de 2020. Disponível em: <<https://g1.globo.com/economia/noticia/2020/07/01/entregadores-de-aplicativos-fazem-manifestacoes-pelo-pais.ghtml>>.

AUTOR

SARA SULAMITA DE OLIVEIRA

Universidade de São Paulo

Orcid : <https://orcid.org/0000-0001-5129-6022>

Email: sara.sulamita.oliveira@usp.br ou contatosara@outlook.com